

Revista Pandora Brasil

[Home](#) [Índice](#) [Minicurrículos dos autores](#)

O fantástico e o duplo na obra *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis

Laércio Rios Guimarães¹

RESUMO: Concentrando-se nos gêmeos Pedro e Paulo, personagens centrais da obra de Machado de Assis, este artigo compara os personagens bíblicos que dão nome à obra aos seus personagens centrais, analisando seu perfil psicológico tendo como base os referenciais teóricos de Otto Rank e Tzvetan Todorov para o estudo do fantástico na narrativa machadiana.

Palavras-chave: duplo; fantástico; gêmeos; intertextualidade

Apresenta-se aqui uma breve análise do fantástico e, com maior ênfase, o exame da questão do duplo na obra *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, tendo como ponto de partida os personagens bíblicos que dão nome à obra – encontrados no Antigo Testamento –, bem como Paulo e Pedro, presentes no texto bíblico do Novo Testamento e que nomeiam os personagens centrais do romance.

Machado de Assis pode ser analisado sob a ótica do gênero fantástico, sabendo-se que foi leitor e admirador das obras de Ernst-Theodore-Amadeus Hoffman (1776-1822) e de Edgar Allan Poe (1809-1849), que o influenciaram e o levaram a adotar uma “ocorrência de um fantástico mitigado, diferenciado, quase sempre ambientado em sonhos e, na maioria das vezes, explicável” (FERNANDES, 2004). Vários aspectos quanto à instância narrativa podem ser mencionados na obra sob análise: muitos críticos atribuem ao Conselheiro

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – 2011.

Aires a autoria do relato de *Esaú e Jacó*, nesta narrativa marcada pela primeira pessoa (um narrador observador²); outro ponto polêmico é a passagem em que se fala sobre a “sombra” no momento em que Flora imagina os irmãos no jardim de sua casa (ASSIS, [198-], p. 191³); ou, ainda, a ocasião em que eles visitam o túmulo de sua “querida comum” (p. 207). Nosso objeto de estudo, porém, recai na análise do fantástico, inscrito na relação de duplicidade vivida por Pedro e Paulo, protagonistas de *Esaú e Jacó*.

Para entender o desenvolvimento dessa relação, tratamos do intertexto bíblico, que narra a história de Esaú e Jacó, bem como a dos apóstolos Pedro e Paulo, já que ambas lançam mão do duplo e são base para os nomes usados pelo autor da obra.

Os gêmeos Esaú e Jacó na narrativa bíblica

A história de Esaú e Jacó na narrativa bíblica encontra-se no livro de Gênesis, do capítulo 25 ao capítulo 33⁴, e narra a gravidez da antes estéril Rebeca, mãe de gêmeos.

Desde o início a divisão marcará este relacionamento: “Os filhos lutavam no ventre dela [Rebeca]” (Gênesis 25:22⁵). Consultando a Deus, seguiu-se a resposta: “Duas nações há no teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão. Um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço” (25:23). Logo, mesmo antes do nascimento, a cisão entre os irmãos já estava marcada e se aprofunda pelas diferenças físicas e comportamentais entre os dois logo ao nascerem. “Saiu o primeiro, ruivo, todo revestido de pêlo;

² Conforme pode ser visto no seguinte comentário: Nada custa lembrar a observação de Lúcia Miguel Pereira que considera que o verdadeiro autor das crônicas de *A Semana* é Aires e não Machado de Assis: “Esse conselho dado logo no início das colaborações semanais na *Gazeta de Notícias*, cheira a Aires. Desse momento em diante não é mais possível separar os dois sócias. Machado adota o criado, o gosto, a polidez e a indiferença de Aires. Esse vai se deixando dominar por ele” (1988, p. 245). Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe3/2007-eSSe3.D.F.CRUZ.pdf>

Acesso em 29 mar. 2010.

³ Doravante, ao incluírem-se citações apenas com a numeração da página estará se fazendo referência à obra base para este estudo, ou seja, *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis.

⁴ O texto bíblico continua, depois do capítulo 33, narrando a vida de Jacó e de sua família. Os textos destacados como referência apresentam a vida dos dois irmãos até o momento da separação definitiva em dois povos que passariam a coexistir e, no futuro, se tornariam em inimigos: Israel e Edom (israelitas ou judeus e o edomitas).

⁵ Doravante só serão mencionadas as referências do capítulo e versículo do livro de Gênesis. As citações foram transcritas da *Bíblia de Estudo de Genebra* (1999).

por isso lhe chamaram Esaú ["peludo"]. Depois, nasceu o irmão; segurava com a mão o calcanhar de Esaú; por isso, lhe chamaram Jacó" ["enganador"]. (25:25,26).

As diferenças vão se acentuando conforme os irmãos vão se desenvolvendo: "Cresceram os meninos. Esaú saiu perito caçador, homem do campo; Jacó, porém, homem pacato, habitava em tendas" (25:27). O substantivo "homem" seguido, respectivamente, da locução adjetiva "do campo" e do substantivo "pacato", aponta para um diferencial em suas personalidades⁶. Há diferenças também no que fazem: um é "perito caçador", o outro "habitava em tendas". Essas características marcarão a história dos irmãos, principalmente no episódio em que Esaú, exausto e faminto, vende seu direito de primogenitura a Jacó por um simples prato de lentilha (25:29-34). No capítulo 27, consuma-se a cisão entre os irmãos (através de um estratagema de Rebeca, sua mãe, episódio que confirma, como em outras narrativas sobre gêmeos, que é a figura feminina que separa. Jacó consegue enganar o próprio pai, Isaque, assumindo o lugar de Esaú e concluindo o que já iniciara no cap. 25.29-34), ou seja, ficar definitivamente com o direito de primogenitura que, por lei, pertenceria ao irmão mais velho.

Odiado pelo irmão ludibriado, Jacó é obrigado a fugir. E é na separação entre eles que duas novas nações surgem, confirmando o prenúncio divino.

Pedro e Paulo na narrativa bíblica

Pedro e Paulo são apóstolos considerados colunas dentro da história do cristianismo. O primeiro é conhecido como o apóstolo que atuou junto aos judeus cristãos, o segundo é conhecido como o apóstolo dos gentios, ou seja, dos povos não judeus. Obviamente, eles não são irmãos, mas, no contexto bíblico apontam para a oposição – não propriamente entre ambos – mas entre aqueles que se consideravam seus seguidores e, ainda que, inicialmente, entre formas diferentes de pensamento.

⁶ O texto hebraico sugere que Esaú é um homem rude e prático, preocupado apenas com o trabalho braçal e grosseiro, enquanto Jacó é um homem "completo", ou seja, alguém também preocupado com o aspecto intelectual, que gosta dos estudos e do conforto do lar.

Pedro, no livro bíblico de Atos dos Apóstolos, mostra a visão distorcida que teve até um dado momento, quando responde a uma ordem de Deus para que comesse alimentos, que numa visão desciam do céu e, contudo, eram considerados imundos e proibidos de serem consumidos pelos judeus: “De modo nenhum, Senhor! Porque jamais comi coisa alguma comum e imunda” (Atos 10:14). Somente depois do evento que sucedeu a esta visão é que Pedro passou a adotar uma nova postura para com os não judaizantes.

Paulo, que em suas missões iniciava sua pregação primeiramente aos judeus, rapidamente passou a se dirigir aos gentios como se pode constatar no texto de Atos 13:46: “Cumprida que a vós outros [judeus], em primeiro, fosse pregada a palavra de Deus; mas, posto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios”.

Pedro e Paulo, tendo como pano de fundo o contexto bíblico, tanto se completam (pois, cada um realiza seu trabalho para um povo, somando-se em seu resultado) quanto se diferenciam (Pedro é mais aceito pelos próprios judaizantes enquanto Paulo é mais benquisto pelos gentios).

Tem-se, portanto, uma clara concepção do duplo nos personagens bíblicos apresentados, que são marcados pela alteridade, mas que passam a ter resultados diferentes a partir de sua cisão, da sua renovação de valores a partir do contato com o outro.

As duas análises bíblicas (a de Esaú e Jacó e a de Pedro e Paulo) servem de base para entendermos a visão do duplo dentro da obra de Machado de Assis.

O fantástico e o duplo na obra *Esaú e Jacó*

O título do romance toma emprestada a história bíblica dos gêmeos Esaú e Jacó, levando em conta que Machado nos relata que os filhos de Natividade, à semelhança dos personagens bíblicos, brigaram também no ventre, antes de nascer: “- Esaú e Jacó brigaram no seio materno, isso é verdade. Conhece-se a causa do conflito” (p. 36). A ligação entre as

personagens bíblicas e as personagens machadianas leva o leitor à curiosidade, algo marcante na literatura fantástica⁷.

Se o título lembra aqueles irmãos da Bíblia, os nomes dos personagens nos remetem aos apóstolos Pedro e Paulo considerados as colunas do cristianismo. Concentraremos-nos, portanto, na questão da duplicidade e na ocorrência do fantástico no relacionamento dos irmãos gêmeos, Pedro e Paulo.

O suposto confronto que evidencia o mito da imortalidade da alma dos gêmeos retrata o que a história reservava para os dois quando crescessem. A mãe procurava respostas no futuro, mas era para o passado que deveria olhar para encontrá-las, como se pode notar no diálogo que ela trava com a Cabocla do Castelo e, em seguida, consigo mesma:

E não foi grande espanto que lhe ouviu perguntar se os meninos tinham brigado antes de nascer.

Natividade, que não tivera a gestação sossegada, respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias... Mas então que era? Brigariam por quê? A cabocla não respondeu.

– Serão grandes?

– Serão grandes, oh! Grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... Brigaram no ventre de sua mãe, que tem? (p. 11 e 12).

Natividade ia pensando na cabocla do Castelo, na predição da grandeza e na notícia da briga. Tornava a lembrar-se que, de fato, a gestação não fora sossegada; mas só lhe ficava a sorte da glória e da grandeza. A briga lá ia, se a houve; o futuro, sim, esse é que era o principal ou tudo. (p. 16)

Nota-se que a ênfase não está na grandeza futura, mas, sim, na continuidade da luta, do embate que continuaria durante toda a vida de Pedro e Paulo. O verbo “brigar” aparece seis vezes durante o diálogo e o substantivo “briga” aparece duas vezes na reflexão de Natividade, a mãe.

⁷ [...] o fantástico comporta inúmeras indicações a respeito do papel que o leitor irá representar, pois esse gênero “produz um efeito particular sobre o leitor – medo, ou horror, ou simplesmente curiosidade –, que os outros gêneros ou formas literárias não podem provocar [...]” (LULA, 2011).

A animosidade cresce quando Pedro adota a opinião monarquista enquanto Paulo adota a opinião republicana (p. 50). O relato dos dois irmãos passeando pela Rua da Carioca ilustra bem a separação contínua que existiria entre os dois:

Tanto cresceram as opiniões de Pedro e Paulo que, um dia, chegaram a incorporar-se em alguma cousa. Iam descendo pela Rua da Carioca. [...] Pedro viu um retrato pendurado de Luís XVI, entrou e comprou-o por oitocentos réis; era uma simples gravura atada ao mostrador por um barbante. Paulo quis ter igual fortuna, adequada às opiniões, e descobriu um Robespierre (p. 53).

Mais do que simples gravuras que enfeitariam os respectivos quartos, as figuras históricas representadas apontam para o constante antagonismo entre os irmãos. Luís XVI (1754-1793) foi rei da França de 1774 a 1791, um período de crise econômica e conturbação política, para os quais ele foi incapaz de dar solução adequada. Na verdade, o seu reinado foi marcado pela indiferença às graves situações que o rodeavam e, muito mais, pelo desejo da manutenção do seu *status quo*. Robespierre (1758-1794), por sua vez, foi um dos líderes da Revolução Francesa, sendo conhecido por seu caráter revolucionário e de oposição ao regime monárquico existente na França – representado por Luís XVI – bem como pelo seu desejo de derramar sangue, a fim de alcançar seus planos de mudança (Robespierre foi um dos que condenaram o rei Luís XVI à guilhotina). Machado, portanto, usa a história desses dois a fim de reforçar o perfil de Pedro (satisfeito e acomodado com sua situação) e o de Paulo (insatisfeito e sempre querendo mudanças, não importando quais fossem).

A situação se agrava quando da Proclamação da República em 15 de novembro de 1889. Os pensamentos dos irmãos, nesta ocasião, dão ideia das diferenças existentes entre os dois:

– Nenhum dormia. Enquanto o sono não chegava, iam pensando nos acontecimentos do dia, ambos espantados de como foram fáceis e rápidos. Depois cogitaram no dia seguinte e nos efeitos ulteriores. Não admira que não chegassem à mesma conclusão. – Como diabo é que eles fizeram isto, sem que ninguém desse pela cousa? Refletia Paulo. Podia ter sido mais turbulento. Conspiração houve, decerto, mas uma barricada não faria mal. Seja como for,

venceu-se a campanha. [...] Enquanto a cabeça de Paulo ia formulando estas idéias, a de Pedro ia pensando o contrário; chamava ao movimento um crime.

– Um crime e um disparate, além de ingratidão; o imperador devia ter pegado os principais cabeças e mandá-los executar. Infelizmente, as tropas iam com eles. Mas nem tudo acabou. Isto é fogo de palha; daqui a pouco está apagado, e o que antes era torna a ser (p. 135 e 136).

E assim continuará sendo: a política, mesmo depois da Proclamação da República e do fim do Império, separará os irmãos que continuarão a ser rivais, pois “Paulo entrou a fazer a oposição ao governo, ao passo que Pedro moderava o tom e o sentido, e acabava aceitando o regimem republicano, objeto de tantas desavenças” (p. 210).

Eleitos deputados, a diferença ainda mais se manifesta, como se vê no diálogo entre Natividade (a mãe) e o Conselheiro Aires:

A senhora escreveu-me que eram candidatos de dous partidos contrários. Natividade confirmou a notícia. Foram eleitos em oposição um ao outro. Ambos apoiavam a república, mas Paulo queria mais do que ela era, e Pedro achava que era bastante e sobeja. Mostravam-se sinceros ardentes, ambiciosos; eram bem aceitos dos amigos, estudiosos, instruídos... (p. 213)

Percebe-se pelos termos “oposição ao governo” e “queria mais” usados por Paulo, que ele é o que nunca está satisfeito com a situação na qual se encontra. Pedro, por sua vez, é aquele que “acab[a] aceitando o regimem” e “ach[a] que era bastante e sobeja”, o homem conformado e satisfeito com sua condição. Tudo isso, não apenas pelo temperamento que tinham, mas porque se opunham no que quer que fosse. Note a intertextualidade Bíblica da eleição dos filhos de Isaque e Rebeca: “foram eleitos em oposição um ao outro”.

Flora torna-se, para eles, a obsessão que aumenta a sua rivalidade⁸, embora unidos por um mesmo pensamento e sentimento: “Mais de uma vez

⁸ “[...] Hoffmann, em ‘O Duplo’ tratou tema semelhante, ligando-o à rivalidade provocada pelo amor à mesma mulher. Conta que dois jovens, de pronunciada semelhança, eram constantemente confundidos. Neste caso, igualmente, misterioso parentesco une os dois rapazes. Estes fatos, combinados com o amor pela mesma donzela, são responsáveis pelas numerosas aventuras absurdas, que terminam, quando ambos, em face da jovem, resolvem espontaneamente abandoná-la.” (RANK, 1939, p. 30).

Pedro deu com ela fitando Paulo, e gemeu com a preferência, mas também ele era preferido depois, e achava compensação; Paulo então é que rangia os dentes, figuradamente” (p. 119). A ideia continua:

Um e outro sonharam com a bela enseada de Botafogo, um céu claro, uma tarde clara e uma só pessoa: Flora (p. 136).

Tais eram de longe, ela e eles. A rixa velha, que os desunia na vida, continuava a desuni-los no amor. Podiam amar cada um a sua moça, casar com ela e ter os seus filhos, mas preferiam amar a mesma [...] (p. 140).

Nem mesmo as mulheres que os cercam são capazes de aplacar a discórdia entre os dois. O texto mostra que tanto Flora, quanto a mãe deles, Natividade, só foram capazes de trazer-lhes, no máximo, uma pequena trégua. Em ambos os casos, a dor da separação (pela nomeação do pai de Flora como presidente de uma Província) e da morte foram as principais razões que trouxeram essa pretensa união:

– Ela [Flora] nos separou, disse Pedro, agora, que desapareceu, que nos uma. Paulo confirmou de cabeça.
– Talvez morresse para isso mesmo, acrescentou.
Depois, abraçaram-se (p. 203).

Depois, com a voz expirante e os olhos acesos apenas de febre, [a mãe] pediu-lhes um favor grande e único. Eles iam chorando e calando, porventura adivinhando o favor.

– Um favor derradeiro, insistiu ela.
– Diga, mamãe.
– Vocês vão ser amigos. Sua mãe padecerá no outro mundo, se os não vir amigos neste [...]. Anda, Pedro, anda, Paulo, jurem que serão amigos.
Os moços choravam. Se não falavam, é porque a voz não lhes queria sair da garganta. Quando pôde, saiu trêmula, mas clara e forte:
– Juro mamãe!
– Juro mamãe!
– Amigos para sempre?
– Sim.

– Sim (p. 218).

Para logo depois o acordo ser esquecido. Tal aversão é explicada pelo próprio Aires que responde à inquietação de Natividade sobre a constante inimizade dos dois:

– A razão parece-me ser que o espírito de inquietação reside em Paulo, e o de conservação em Pedro. Um já se contenta do que está, outro acha que é pouco e pouquíssimo, e quisera ir ao ponto a que não foram homens. Em suma, não lhes importam formas de governo, contanto que a sociedade fique firme ou se atire para adiante (p. 211).

A questão sobre eleição e preterição (apresentada no relato bíblico de Esaú e Jacó) se evidencia nas ações dos pais dos gêmeos, chegando a se notar um desejo de perpetuação da vida pela própria escolha dos nomes, da profissão, da glória no futuro dos dois filhos:

Natividade queria um filho, Santos uma filha, e cada um pleiteava a sua escolha com tão boas razões, que acabavam trocando de parecer [...] enquanto ele enfiava uma beca no jovem advogado, dava-lhe um lugar no parlamento, outro no ministério [...] (p. 23).

Pedro seria médico, Paulo advogado (p. 25).

Assim como na narrativa bíblica de Esaú e Jacó, os pais ditam as suas preferências, estimulam a área de atuação de cada um dos filhos, traçando o destino e alimentando a rivalidade que os acompanhará durante toda a história.

O desejo de ver os filhos “grandes” e “gloriosos” confirma que “a idéia dos gêmeos aponta para a fundação da cidade, a criação, vitória nas guerras, navegação, etc. (RANK, 1939, p. 144)⁹: “O simples gosto de nascer primeiro, sem outra vantagem social ou política, pode dar-se por instinto, principalmente se as crianças se destinarem a galgar os altos deste mundo” (p. 37).

⁹ “Levando em conta que os gêmeos criaram a si mesmos, independentes das leis naturais, são capazes de criar coisas que não existem na natureza, e que constituem o que denominamos cultura” (RANK, 1939, p. 145).

Em Flora é que a alteridade dos dois irmãos acontece. Ela os vê e os conhece como eles não são capazes de fazê-lo. E a visão que impede Flora de decidir com quem ficar os une, os funde em um ser só. Ela os compreende na unidade, na homogeneidade; daí o seu conflito.

Em caminho, depois do desembarque, não obstante virem os gêmeos separados e sós, cada um no seu *coupé*, cismou que os ouvia falar; primeira parte da alucinação. Segunda parte: as duas vozes confundiam-se, de tão iguais que eram, e acabaram sendo uma só. Afinal, a imaginação fez dos dous moços uma pessoa única.

Este fenômeno não creio que possa ser comum. Ao contrário, não faltará quem absolutamente me não creia, e suponha invenção pura o que é verdade puríssima. Ora, é de saber que, durante a comissão do pai, Flora ouviu mais de uma vez as duas vozes que se fundiam na mesma voz e criatura. E agora, na casa de Botafogo, repetia-se o fenômeno. Quando ouvia os dous, sem os ver, a imaginação acabava a fusão do ouvido pela da vista, e um só homem lhe dizia palavras extraordinárias. [...] Pensou enganar-se, mas não; era uma só pessoa, feita das duas e de si mesma, que sentia bater nela o coração. (p. 154-155, 162)

Nesta passagem, há a oscilação, própria do gênero fantástico, assim como a estranheza e a estupefação, de que se vale e onde se apóia este gênero literário para manter aguçados os sentidos do leitor. Flora enfrenta a hesitação que é experimentada pelo ser que só conhece as leis naturais e que se depara com um acontecimento aparentemente sobrenatural, de que fala Todorov (1992, p. 31). Deste trânsito em que a sua imaginação funde as duas imagens – a de Pedro e a de Paulo –, ela pensa que se engana com uma miragem, mas na sequência, admite que não houve logro. A fusão das imagens sintetiza-se na menção a Narciso, prenunciada e materializada no início do romance pela estatueta do filho de Liríope e Céfiso que sorri, quando Natividade fala ao marido de sua gravidez. Este sorriso, impregnado da ironia machadiana, denuncia o conflito entre a *imago* e a *umbra*, que desenrolará na narrativa a problemática do duplo. A indecisão dos irmãos, aliada à impossibilidade de tornar homogêneo (a relação pacífica entre os gêmeos) aquilo que é heterogêneo, é confirmada pelo gesto do Conselheiro ao rasgar o

desenho e meter os pedaços no bolso, assim como essa rivalidade só pode culminar na morte daquela que era a única capaz de separá-los e, ao mesmo tempo, de uni-los. Esse é o desfecho da obra. Essa é a explicação que Aires é incapaz de entender¹⁰ ao avaliar a indecisão da menina que, na verdade, não era propriamente apenas dela, mas também de Pedro e de Paulo:

– São os meus filhos que queriam entrar ambos.

– Ambos quais? Perguntou Flora.

Esta palavra fez crer que era o delírio que começava, se não é que acabava, porque, em verdade, Flora não proferiu mais nada. Natividade ia pelo delírio.

Aires, quando lhe repetiram o diálogo, rejeitou o delírio.

A morte não tardou. Veio mais depressa do que se receava agora (p. 200).

Na sua morte, Flora expressa o desejo de que ambos fossem um só e realizassem o seu sonho de amor. Mas o amor de Flora não pode corresponder a nenhum dos irmãos, porque ela não os vê na sua individualidade. Ao contrário, ela os vê como se cada um fosse o verso que carrega, no reverso, o outro.

Considerações finais

Machado de Assis, em sua genialidade, une as personagens de universos e textos diferentes traçando entre eles personalidades semelhantes, mas, ao mesmo tempo, distintas e tremendamente complexas, como no caso de Pedro e de Paulo.

Ao se realizar a análise da questão do fantástico e do duplo na obra *Esaú e Jacó*, o próprio caráter apresentado no texto, qualificando os gêmeos,

¹⁰Que o diabo a entenda, se puder; eu que sou menos que ele, não acerto de a entender nunca. Ontem parecia querer a um, hoje quis ao outro; pouco antes das despedidas, queria a ambos. Encontrei outrora desses sentimentos alternos e simultâneos; eu mesmo fui uma e outra coisa, e sempre me entendi a mim. Mas aquela menina e moça... A condição dos gêmeos explicará esta inclinação dupla; pode ser também que alguma qualidade falte a um que sobre a outro, e vice-versa, e ela, pelo gosto de ambas, não acaba de escolher de vez. É fantástico, sei; menos fantástico é se eles, destinados à inimizade, acharem nesta mesma criatura um campo estreito de ódio, mas isto os explicaria a eles, não a ela (p. 120).

pode mostrar a semelhança entre os duplos bíblicos Esaú e Jacó e, também, Paulo e Pedro, apóstolos bíblicos.

Espera-se que o presente trabalho tenha apresentado alguma contribuição para o estudo do fantástico na questão do duplo e que represente mais uma possibilidade de leitura da complexa obra machadiana.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó – Memorial de Aires*. São Paulo: Círculo do Livro [198-].

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

FERNANDES, Marcelo J. Machado de Assis quase macabro. Disponível em: <http://www.netterra.com.br/poesis/85/machado_de_assis.htm> Pdf. Acesso em: 29 abr. 2011.

LULA, Darlan. O lugar do fantástico em Machado de Assis. Disponível em: <http://www.idelberavelar.com/abralic/txt_33.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2011.

RANK, Otto. *O duplo*. 2 ed. ver. Rio de Janeiro: Coeditora Brasilica, 1939.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992.